

A MULHER DO SÉCULO XXI: RUMO À REDESCOBERTA DO FEMININO

Rafaella Bourscheid*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compreender como as transformações do contexto sociocultural ocidental do século XX afetaram a psique feminina, segundo a Psicologia Analítica de C.G.Jung, a partir de conceitos como Animus e o feminino, profundamente estudados por ele. O contexto sociocultural ocidental sofreu mudanças, devido à Grande Guerra, e a partir desse momento a mulher passa a ter mais um campo de atuação na vida: o mercado de trabalho. Isso promoveu modificações na dinâmica da psique da mulher e, por ainda ser recente, há dificuldades a serem trabalhadas. De maneira geral, atualmente a mulher identifica-se com o animus e os valores do logos, e se distancia do feminino. Esse é o desafio, trabalhar o animus negativo e contatar o feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Feminino. Trabalho. Desafio. Dificuldades. Animus.

INTRODUÇÃO:

Foram grandes as transformações vividas desde o século XX. Poderíamos apontar diversos fatores, como a tecnologia, a geopolítica, o mercado de trabalho, a economia, mas a transformação mais impactante talvez seja a vida das mulheres da cultura ocidental.

Antes as mulheres tinham um papel na sociedade: o de mãe/esposa. Poucas trabalhavam, somente o faziam em última instância para ter o que comer. Era raro a mulher ter profissão ou estudar para ter uma. Mas isso tomou outro rumo a partir do século XX, pois as mulheres começaram a fazer parte do mercado de trabalho. Isso começa a mudar, primeiramente, em países envolvidos pela Grande Guerra, pois as mulheres foram forçadas a realizar os trabalhos que eram feitos até então pelos homens e conseqüentemente elas foram forçadas a trabalhar também fora de casa, já que os homens estavam lutando. Ocorre essa mudança no cenário sociocultural e as mulheres passam, lentamente, a migrar para o território pertencente aos homens, o trabalho. Essa transformação se expande especialmente na cultura ocidental (PROBST, 2011).

* Psicóloga, Pós-graduanda em Psicologia Clínica Junguiana – Faculdade Monteiro Lobato.

A bandeira levantada pelas feministas por direitos iguais aos dos homens, como voto, trabalhos de todos os níveis, salário - apesar de o último ainda ser inferior quando comparado com o recebido pelos homens – foi um sucesso e os objetivos foram alcançados. Até mesmo o anticoncepcional contribuiu para a liberdade de ter relações sexuais sem ter filhos. Se compararmos hoje com vinte anos atrás, veremos que a década de noventa era a fase de consolidação da inserção da mulher no mercado de trabalho, hoje os desafios são outros (PROBST, 2011). O acúmulo de papéis desempenhados pelas mulheres são maiores: trabalho, mãe, dona-de-casa, esposa. Mas dizer que o acúmulo de papéis é o maior desafio parece ser uma forma de simplificar as transformações que vivem as mulheres, pois o maior problema vivido pelas mulheres do início de século XXI é descobrir o próprio feminino, pois hoje o feminino está atrapalhado. Mas quais são os fatores que estão por trás dessa atrapalhação do feminino?

Entende-se feminino como elemento pertencente tanto à psique da mulher quanto à do homem, bem como o elemento masculino pertence a ambos. O feminino, na mulher, deveria ser naturalmente a atitude consciente, mas nem sempre é assim, muitas vezes ele fica negligenciado e por isso se torna inconsciente. E quem toma o espaço que deveria ser do feminino na consciência é o animus, já em forma de complexo¹. Jung chamou de animus aquela característica intrínseca do masculino na psique da mulher que pode tanto auxiliar a mulher, se desenvolvida de forma adequada, ou aprisioná-la quando configurada de forma negativa, gerando dificuldades nos relacionamentos, na forma de ver e posicionar-se no mundo (FRANZ, 2002).

Para entender como as mulheres atualmente vivenciam ou não o feminino é necessário aprofundar o contexto de como se deu a constituição dele, de que forma as mudanças socioculturais se refletem na dinâmica da psique da mulher e o papel do animus, nisso que chamo de atrapalhação do feminino.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

¹ Complexos são formados por grupos de ideias ou imagens da psique, derivados de um ou mais arquétipos. No entanto, o complexo pode ser constelado, isto é, ativado por um evento exterior afetivo. Os complexos adquirem independência, por isso é que Jung frisa que “nós não temos complexos, são os complexos que nos tem” (JUNG, 1971).

O feminino já vivenciou um período em que podia viver em plenitude. Isso ocorreu no início da consciência humana, quando o ser humano vivia em comunhão com a natureza e em grupo, em *participation mystique*². Era a chamada fase matriarcal, onde as mulheres eram responsáveis pelas colheitas de frutas/raízes, enquanto os homens se detinham à caça. Traços dessa época estão presentes na mitologia, quando relacionada a ligação do feminino com o reino vegetal e a fertilidade (Deméter, a deusa responsável pela fertilidade dos alimentos). Mas, ao longo da evolução humana, o matriarcado foi perdendo sua importância cultural (NEUMANN, 2006).

Logo na sequência da fase do matriarcado é instaurada a fase agrícola, em que surge o fenômeno da exogamia, que foi determinante para a constituição do patriarcado. Na exogamia, formaram-se dois grupos coesos, um de mulheres e outro de homens, o que gerou a unilateralização das características de cada um. Entre as mulheres, constelaram-se³ as qualidades do feminino (cuidar, gerar, sensibilidade, nutrir...) enquanto as qualidades do masculino não foram vividas por elas. Da mesma forma, no grupo de homens houve a constelação das características do masculino (viril, luta, caça...) e o enfraquecimento do feminino (NEUMANN, 2006).

A partir dessa nova configuração social é que o patriarcado começa a se delinear. Excluídos do seu próprio clã familiar (já não precisavam mais da mãe para sobreviver), os homens passam a se agrupar. Com isso surgem as organizações, desde as mais simples (pequenas reuniões) e isso evolui com o passar do tempo até as mais complexas, o que possibilitou o surgimento de cidades, política, indústrias, estado, instituições... Mas o que será o marco determinante do patriarcado é a descoberta de que o homem participa da concepção do ser humano. Antes se pensava que quem dava a vida era a mulher. Então, é a partir desse momento que é introduzida a visão de que o homem tem o poder de dar a vida, e assim, passa a ser pai (antes não havia), bem como surge a ideia de este possuir poder sobre os filhos. Com essa grande transformação é que passamos a viver. Isso não foi somente uma mudança sociocultural, mas uma mudança profunda na psique humana (NEUMANN, 2006).

² *Participation mystique* é a conexão psicológica primitiva com objetos ou pessoas que produz intenso vínculo inconsciente (NEUMANN, 2006).

³ Constelar é quando um determinado arquétipo é envolvido por uma energia exacerbada decorrente de um fator exterior – pessoa ou situação – um complexo é constelado, “potencializado” (JUNG, 1971).

Mudança essa que colocou o feminino numa outra escala de valores. Com o passar dos séculos, os valores do logos foram supervalorizados, e o feminino desvalorizado. Toda essa vivência pertencente ao arquétipo do feminino e à forma como a mulher se relaciona com ele.

O arquétipo tem como melhor definição “imagens humanas universais e originárias” (JUNG, 2005, p. 57); pertencente ao inconsciente coletivo, isto é, tudo aquilo que foi vivido pelo ser humano e de alguma forma não está consciente. Sobre o arquétipo do feminino, Neumann (2006) aponta que se trata de imagens originárias do feminino, que também pode ser chamado de arquétipo da Grande Mãe⁴. Segundo o autor, este arquétipo possui três aspectos: Mãe Bondosa, Mãe Terrível e Mãe Bondosa-Má, que pode ser constelado na vida da mulher. Segundo Bolen (2007), a mitologia retrata com precisão os (características dos diferentes) aspectos do feminino (a mãe acolhedora, a mulher guerreira, a mulher sedutora, a mãe protetora, a bruxa má, a madrasta, a sacerdotisa...) através das deusas: Deméter, Atená, Afrodite, Hestia, Perséfone, Medusa... (JUNG, 2005; NEUMANN, 2006; BOLEN, 2007).

Esses aspectos do feminino estão disponíveis a todas as mulheres, no entanto, na nossa cultura ocidental atual, podemos pensar que há um aspecto do arquétipo feminino que está sendo fortemente constelado: a guerreira. Como consequência, os outros aspectos do arquétipo são negligenciados e, como todo conteúdo negligenciado, um dia tende a cobrar a indiferença sofrida, de forma atrapalhada e intensa. Como não tem lugar para se vivenciarem os demais aspectos (sedutora, bruxa, carrasca, submissa, sacerdotisa, materna...), eles ficam na sombra agindo de forma inconsciente e prejudicando o processo de individuação. Portanto, parece que há uma prevalência nas mulheres do aspecto da guerreira, aquela que vai para a guerra, luta e não tem contato com o feminino, o que remete a Atená.

Hoje em dia, a mulher tem vivido na maioria das vezes, esse aspecto da deusa Atená, que é a personificação do animus na mulher. Atená foi concebida exclusivamente por seu pai Zeus e nasce da cabeça dele. Ela nasce gritando, com armadura e espada, em posição de luta. É a própria guerreira. Diante disso, ela

⁴ O arquétipo do Grande Feminino surge após a diferenciação do estado Uborórico (masculino e feminino). A partir do Grande Feminino e associado ao aspecto maternal do Uruborus é que se constitui o arquétipo da Grande Mãe (NEUMANN, 2006).

representa os aspectos psicológicos do masculino na mulher, o animus (BRANDÃO, 2008). Mas, afinal, qual a importância do animus na vida da mulher?

O animus é a personificação de todas as tendências psicológicas masculinas na psique da mulher. Pode ser expresso na mulher através da racionalidade, da capacidade de julgamento, da agressividade, no lutar e caçar, na relação com o trabalho. Além disso, sua importância está na função de possibilitar a relação com o inconsciente e profundidade espiritual, bem como ser o princípio criativo na mulher (FRANZ, 2002).

Para Emma Jung (2011), o masculino é representado pelo logos, que engloba vontade, ato, verbo e sentido, aspectos pertencentes à consciência dos homens. Por esse motivo é que se diz que o pensamento na mulher se dá através do animus, isso não quer dizer que a mulher não pensa, mas sim que a organização do pensamento, as correlações e as estratégias são atribuídas ao animus, da mesma forma que o sentimento é atribuído à anima nos homens, pois é eros (anima) que proporciona a capacidade de se relacionar com os sentimentos. Portanto, o animus possui essas capacidades do logos que são expressas nas mulheres de diferentes formas, conforme o grau de desenvolvimento deste, porém de forma inconsciente. Sendo assim, o animus pode ser vivido de duas formas: positiva e negativa.

O animus positivo proporciona a capacidade de focalização e de conexão; pode ser uma fonte de encorajamento, contenção e proteção. Nos sonhos, ele aparece através das figuras de rei, legislador, espírito, vento, um filho, um artista, escritor, sábio... E mais, “o animus como amante é, na melhor das hipóteses, o parceiro da alma, a metade de si mesma restaurada” (Koltuv, 1992, p. 66). Encontrar mulheres com essa configuração de animus é raro, na maioria das vezes há mulheres com o animus negativo. Este atua na mulher como um juiz, cruel e crítico, e faz com que a mulher se sinta desprezível, incapaz, horrenda e fracassada. Como se fosse prisioneira do animus! Nos sonhos, ele aparece como carrasco, ditador, homem perverso e severo (KOLTUV, 1992).

O princípio espiritual chega através do meio externo, no início da vida é através do pai (tanto o pai real como aquele vivenciado internamente pela criança) ou por aquele que desempenha o papel, seguido por outras referências masculinas importantes ao longo da vida. Há também a influência do logos através das suas formas de expressão, como instituições, escola, Igreja, ciência, legislações, arte... É o pai quem passa as “convicções incontestavelmente “verdadeiras”... que nunca têm a ver com pessoa real que é a mulher” (Franz, 2002, p. 189). O animus ainda é

formado a partir do animus da mãe e do inconsciente coletivo, de onde vem a base do arquétipo comum a todos, com aspectos positivo e negativo (JUNG, 2011; KOLTUV, 1992; FRANZ, 2002).

Franz (2002) aponta que o animus possui quatro estágios de desenvolvimento; no primeiro, a mulher se relaciona projetando seu animus em homens com características de força física (tipos de porte físico forte, musculosos ou altos); no segundo estágio, o animus, retirada a projeção, a mulher consegue se relacionar de outra forma e passa a ter capacidade de planejamento e iniciativa; no estágio seguinte, associado a essas capacidades “o animus torna-se verbo, aparecendo muitas vezes como um professor: o clérigo” (FRANZ, 2002, p. 194); e, finalmente, no último estágio, o animus se torna ligação com a vida religiosa e a vida passa ter um novo sentido. É aqui que entra a certeza do sentido da vida e possibilita uma nova postura, muitas vezes compensadora, da realidade exterior que é vivida.

Já Neumann (apud KOLTUV, 1992) observa que há também quatro estágios de desenvolvimento do animus, mas entende esse processo um pouco diferente. Inicialmente, os bebês vivem em estágio urobórico maternal, isto é, não há separação entre ego e inconsciente, e por isso há intensa comunicação do inconsciente da mãe para com o bebê e este projeta tudo na mãe. No caso das mulheres, a menina passa a desenvolver seu ego através da relação com seu inconsciente (diferente dos meninos, que é por meio da oposição). Há o perigo de ficar fixada nessa fase urobórica, portanto, no arquétipo da Grande Mãe. Quando isso é superado, é porque houve a invasão do urobóro paterno (segundo estágio), que surge como uma força sobre a mulher (espera-se que ocorra ainda na infância) tanto numinosa quanto opressora, para dar limites ao ego. Em relação à fixação, nesse estágio a mulher fica deslumbrada pelo Pai Espiritual, perde contato com a realidade terrena (corpo - problemas menstruais e fertilidade); identificada com o animus se transforma nele, impossibilitando a diferenciação entre ele e si mesma. A mulher consegue superar esse estágio de invasão do masculino, através do animus que a liberta pelo verbo, força e sentido, como um impulso que a ajuda a focar nessas capacidades. Já no terceiro estágio, geralmente ocorre o casamento patriarcal, em que a mulher e o homem projetam seus respectivos elementos contrassexuais, muitas vezes idealizados e nem sempre correspondidos. Aqui, quando fixada, a mulher perde os valores matriarcais e torna-se filha do patriarcado (protegida, inferior), o que prejudica o processo de individuação. Na última fase, é quando se dão o confronto e a individuação. Nela, o casal precisa retirar as

projeções de animus/anima e olhar para si, nesse momento o si mesmo passa a ser mais atuante e orienta o caminho da individuação e da consciência. Essa é mais uma das funções do animus, ligar o ego ao si mesmo (self). O eixo ego-self é essencial para sair da coletividade e tornar-se aquilo que realmente se é.

No entanto, observa-se a manifestação do animus através “de fantasias... mais comumente como uma convicção secreta “sagrada”” (Franz, 2002, p.189). Percebemos, então, o animus em ação, quando a mulher fala com convicção e voz forte; na postura diante das situações como se não houvesse outras possibilidades, o que provoca paralisações e rigidez ou, como diz Von Franz, “o animus nunca aceita exceções” (Franz, 2002, p.189) palavras como sempre e nunca costumam ser utilizadas nessas horas; no remoer de sentimentos como mágoas; opiniões razoáveis, mas não adequados para aquela situação (FRANZ, 2002).

Nessas mulheres em que o animus é primitivo, observa-se uma postura de mulheres-homens, inescrupulosas, brutais, grosseiras e superenérgicas. Já nas mulheres em que o animus é bem desenvolvido e, conseqüentemente, o feminino está bem atendido nas suas necessidades, ocorre excelente harmonia entre o masculino e o feminino, que proporciona a capacidade de elas serem ativas, enérgicas e corajosas (JUNG, 2011).

Aliás, Jung (2007) afirma que, quando o animus se configura de forma positiva, é um excelente guia, porém quando, por algum motivo, ele vai para outro pólo, torna-se o chamado complexo do animus. Assim como qualquer arquétipo, o animus pode ser um núcleo de um complexo, rompendo a consciência e assumindo o controle através de pensamentos, comportamentos e sentimentos, “como se fosse uma outra pessoa”. Por isso, a autonomia deste complexo pode impedir o desenvolvimento da personalidade da pessoa. Então, a saída para o desenvolvimento saudável é trazer à consciência esses conteúdos que estão inconscientes para que o animus possa ser realmente um guia da alma. Mas o que faz com que o animus se torne um complexo?

O animus, ao se tornar autônomo, isto é, como um complexo negativo, a mulher não consegue tornar-se consciente ou exercer a tarefa da atividade espiritual. Isso ocorre porque a energia psíquica desloca-se para o inconsciente, pois a função espiritual não foi conscientizada, e toda essa energia psíquica aciona o arquétipo do animus. Lembrando que o animus possui os conteúdos vindos tanto da experiência pessoal, quanto elementos do inconsciente coletivo pertencentes ao

arquétipo animus. Então, uma das formas do complexo se manifestar é agir de maneira destrutiva sobre a mulher, dificultando os relacionamentos com a família, amigos e colegas de trabalho. (JUNG, 2011).

Essa relação destrutiva nas mulheres surge em decorrência da negligência pessoal e/ou cultural, do não desenvolvimento espiritual. Como é da natureza feminina o desenvolvimento espiritual, quando isso por algum motivo não acontece, o inconsciente projeta o si mesmo no masculino, onde o si mesmo acaba sendo engolido pelo animus. Quando a mulher guarda mágoas, o animus, por ser um complexo, é carregado de carga emotiva, constela e se manifesta através de opiniões críticas e até ácidas. Esse tema arquetípico está presente nos contos de fada, nas figuras de demônio da morte, assaltante e assassino, como no caso do *Barba Azul*. Também está presente na mitologia, quando *Hades* rapta *Perséfone* para seu mundo (KOLTUV, 1992).

Por outro lado, na mitologia e nos contos de fada, há também a expressão da capacidade de integração do animus na consciência, como nos casos da *Eros e Psique* e *A Bela e a Fera*. Em *Eros e Psique*, a heroína não pode olhar para o rosto do amado, pois, confiando nele, ela poderá se libertar, o que nunca acontece, pois em algum momento ela não resiste e olha para ele. A partir daí, ela precisa fazer uma série de peregrinações até a redenção. Ou nos contos de fada, em que o príncipe é transformado em animal ou monstro e após o amor de uma mulher é redimido, no caso de *A Bela e a Fera*. Isso nos mostra como a psique feminina deve se relacionar com o animus, se a mulher conseguir perceber a influência do animus e não se deixar possuir por ele (KOLTUV, 1992).

As possessões do animus são percebidas claramente através da fala da mulher. O animus se personifica como um homem, ou melhor, como vários homens, pois cria categorias e opiniões que são manifestadas segundo a necessidade do complexo. Isso acontece naquelas conversas em que uma opinião surge de forma categórica e não há crítica ou argumento que possa alterar a ideia rígida sobre o tema. Muitas vezes essa fala crítica é baseada no senso comum ou em generalizações que não passam por um critério de avaliações adequado para aquele caso e/ou contexto, no qual o animus se detém e reduz (JUNG, 2007).

Outra forma do animus negativo se fazer notar é quando ele provoca passividade, paralisação de sentimentos, insegurança e vazio. Isso tudo não é uma opinião genuína da mulher, mas sim uma opinião inconsciente do animus. É como

se o animus falasse todos os dias para ela “você não vai conseguir, para que tentar?”, “você nunca vai conseguir aquele emprego”, “não vai passar no vestibular”, “a vida é uma merda mesmo”... E, para a mulher, essa personificação do animus é vivida como se aqueles pensamentos e sentimentos realmente fossem seus. Aqui mais uma vez ocorre uma possessão do animus. Depois dessa possessão, quando a energia psíquica é destinada a outro foco, é que a pessoa percebe que fez escolhas diferentes das que normalmente faria. Às vezes, é preciso pagar um preço caro por isso, como, por exemplo, cursar uma faculdade cujo índice de candidatos por vaga era menor, pois na que realmente queria cursar o índice era alto e “não teria capacidade de passar”, por isso nem tentou e já fez outro curso. Em função do animus não bem desenvolvido, a mulher acolhe um pensamento sem diferenciá-lo, isto é, como se fosse uma espécie de “fascinação sinistra”, tanto para questões banais como para pensamentos de real importância (sujeito ou contexto) (JUNG, 2011; FRANZ, 2002).

Como o animus se manifesta por meio de opiniões, cabe à mulher buscar exercitar a crítica sobre suas opiniões como tentativa de verificar se aquela ideia é procedente, com o cuidado de não reprimi-la, e assim aprofundar-se no que está inconsciente. Por isso, Jung (2007) enfatiza que o homem moderno deve buscar se diferenciar da persona⁵ e da anima. Então, pensando na mulher, é possível dizer que a tarefa da mulher é diferenciar-se do animus e, claro, da persona (JUNG, 2007).

Ter estudado, ter boa capacidade intelectual e agir de uma maneira prática não significa que o animus seja bem desenvolvido (aliás, isso até pode funcionar como uma persona), pelo contrário, poderá ocorrer uma identificação com o animus, gerando o afastamento feminino. Isso é tudo que não se deseja. A melhor maneira de associar o componente masculino (logos) ao feminino (eros) é buscar retirar da sombra aquele que está renegado e trazer à consciência tanto um como outro, onde o logos entra para auxiliar a mulher, proporcionando uma espécie de espiritualidade feminina (JUNG, 2011).

Para isso acontecer, a mulher precisa estar consciente de que há algo funcionando de uma maneira inapropriada e de que mudanças precisam ocorrer. Em seguida, deve-se olhar para aquilo que todos fazem naturalmente, que é a projeção.

⁵ Persona é como se fosse uma máscara que o indivíduo molda, a partir da psique coletiva, com o objetivo de ajustamento na sociedade para afirmar perante ela e a si, “o que ela parece ser” ou aquilo que avalia como a melhor maneira de “ser” para a sociedade e de maneira inconsciente utiliza dessa máscara (JUNG, 2007).

Pois, ao projetar os aspectos do animus nos outros, vive-se como se aquilo pertencesse ao outro e não a si próprio. Por isso, o primeiro passo é recolher a projeção e passar a se relacionar com esses aspectos, reconhecer a existência e atuação deste “homem em si mesma” e distingui-lo de si própria, caso contrário, a mulher será possuída por opiniões, humores e comportamentos do animus. Isso gera depressão e insatisfação geral, pois é como se a metade de sua personalidade fosse furtada e possuída pelo animus (JUNG, 2011; KOLTUV, 1992).

No entanto, existem diferentes formas de projeção de animus. A mulher projeta nos homens com os quais se relaciona a imagem do animus, seja pela força física, pela agilidade, pela disponibilidade, pela ação ou pelo discurso, e assim espera que aquela imagem masculina seja correspondida pelo homem, o que nem sempre acontece e resulta em problemas de relacionamento conjugal. Na adolescência, são frequentes os casos de meninas que se apaixonam por ídolos (atletas, atores e cantores...). Nessa época da vida, o animus ainda está em fase de desenvolvimento e a menina projeta seu animus nesses representantes de força física, agilidade e atuantes na sociedade, até que em algum momento esse conteúdo possa ser projetado em alguém mais próximo. Outro aspecto de projeção que encontramos é o homem animus, isto é, a mulher projeta seu animus no companheiro e este assume o conteúdo projetado e desempenha esse papel no concreto, o que não é saudável, nem para a mulher nem para o homem (Jung, 2011).

Além de procurar conscientizar a projeção, é necessário estar atenta a outra forma de expressão do animus, o julgamento. Emma Jung traduz com precisão o modo como isso acontece no seguinte trecho:

...ele se comporta com pensamentos em geral da mesma maneira, como julgamentos, ou seja, eles importunam a pessoa a partir de dentro como algo pronto e por assim dizer irrefutável. Ou, quando se originam no exterior, eles são adotados porque de alguma forma parecem iluminadores ou atraentes (JUNG, 2011, p. 28).

Às vezes esse julgamento é manifestado através de um pensamento, se a mulher estiver atenta, perceberá que esse pensamento possui uma característica importante, que é um “tom de voz que fala conosco”, em tom taxativo (quase sempre negativo), repreendedor, aniquilador dos movimentos de iniciativas e início de qualquer desejo (JUNG, 2011).

Outro ponto importante é a capacidade criativa, que é vivida através das relações e no cotidiano, diferente dos homens, que a expressam no ato de invenções práticas (como instrumentos, utilitários, tecnologias...). Portanto, o criativo

na mulher é oriundo dos sentimentos, intuições e sensibilidade, que são aplicados diretamente nas relações humanas. Sendo assim, podem ocorrer dificuldades na capacidade criativa quando o animus interfere com o seu logos, o que poderia ser uma possibilidade de aprendizagem através do sentimento e intuição. Isso oferece perigo de se tornar um desastre, pois uma ideia pragmática de certo e errado pode interferir naquela situação e assim dificultar a relação (FRANZ, 2002).

Anteriormente, foi tratada a questão do patriarcado e da valorização do masculino em nossa cultura. Essa valorização influencia de forma inconsciente a mulher, pois, mesmo sabendo o valor que tem na humanidade, ainda assim há a tendência inconsciente de ela desvalorizar o feminino, dando assim maior poder ao animus (características masculinas), que ocupa o espaço do feminino na consciência da mulher (JUNG, 2011).

Então, no novo contexto sociocultural do século XX, as mulheres modificaram a forma de viverem e isso provocou também mudanças na psique feminina. Cada mulher pode viver isso de uma forma singular, no entanto, encontramos, na maioria das vezes, pontos similares. Quando ocorre uma difícil relação com o feminino, às vezes essa relação é através da persona e um animus negativo que impossibilita o desenvolvimento do feminino. Por isso, é comum encontrar mulheres que, devido ao grau de desenvolvimento do animus, constelam um polo do arquétipo, por exemplo: tornam-se mulheres corajosas ou medrosas, decididas ou indecisas, workaholics ou do lar e assim por diante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo dos séculos, foram diversas as transformações que a sociedade viveu. As mulheres vivenciaram as primeiras mudanças lá na origem da consciência humana e permaneceram um longo período sem grandes mudanças em função do patriarcado dominante. Esse processo começou a se modificar no século XIX e se intensificou sobretudo no século XX com a entrada da mulher no mercado de trabalho (NEUMANN, 2006; KOLTUV, 1992).

As mudanças socioculturais ocorridas no século XX possibilitaram maiores atuações das mulheres em todos os contextos. Isso exigiu que elas buscassem novos recursos para viver nesse novo mundo. Esses recursos foram encontrados naquilo que era reconhecido e valorizado por todos, no masculino (trabalho eficiente, estudo). Acontece que o masculino na mulher, isto é, o animus está, na maioria

delas, configurado de forma negativa, o que limita as possibilidades de a mulher encarar essa jornada com êxito no seu processo de individuação⁶ (KOLTUV, 1992; JUNG, 2011).

As transformações do feminino são recentes na nossa cultura. Sendo assim, pertencem coletivamente ao campo inferior, menos desenvolvido. Ou, como aponta Neumann (2006), o feminino está no inconsciente tanto para a mulher quanto para o homem. Portanto, são esses os motivos (o feminino inconsciente e animus negativo) que levam as mulheres a vivenciar o feminino de forma atrapalhada, não apropriada, de suas qualidades, da importância na vida delas e da sociedade. Por exemplo: quando, em alguma situação de relacionamento pessoal, a mulher tenta ser acolhedora, mas emite uma opinião crítica inadequada ao contexto e acaba por cercear aquele momento que poderia ser agradável e dificultar a relação.

Devido à supervalorização do masculino na nossa cultura ocidental, o feminino encontra resistência até mesmo entre as mulheres de uma forma inconsciente. Por isso, aquelas qualidades características do feminino (paciência, gestar, entrega, sensibilidade, segurança, afetividade, separar, nutrir, acolher...) acabam sendo desprezadas ou não reconhecidas pelas mulheres, que, como a Atená, se tornam workaholics, e o feminino não tem espaço na sua vida. Como consequência disso, observam-se, cada vez mais, mulheres com disfunções menstruais, cólica intensa, tensão pré-menstrual intensa, infertilidade e mais recentemente há aquelas que optam por não menstruar, pois há uma desconexão com o feminino.

Quando o feminino é negado, reprimido e desvalorizado, quem ganha força é o animus. No entanto, esse desenvolvimento do animus é de forma deturpada e prejudicial para a mulher. O animus restringe a capacidade de pensamento, pois a rigidez de suas ideias predeterminadas impossibilita a flexibilização e descobertas de novos caminhos, soluções e possibilidades diante das situações da vida, tanto no nível das relações pessoais, quanto em questões práticas do cotidiano.

Aceitar que o feminino tem seu valor, mesmo que esse valor seja diferente das qualidades masculinas reconhecidas pela cultura como válidas, e viver ambas as características ainda parece ser algo para a nossa geração conquistar, e para isso o primeiro passo é redescobrir e vivenciar o valor do feminino e conectar-se a ele.

⁶ Processo de individuação: processo de sair da coletividade e tornar-se si mesmo, percepção de si (FRANZ, 2002).

Portanto, o desafio da mulher é resgatar o feminino, relacionar-se com ele e deixá-lo se expressar. Pois assim ele poderá ocupar o espaço que é seu na consciência e, concomitantemente, fazer as difíceis tarefas da retirada de projeção de animus e análise (tarefa para a vida toda), para que haja um melhor equilíbrio dos elementos masculinos e femininos na psique da mulher, ajudando-a caminhar na jornada da individuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRANDÃO, Junito. **Mitologia grega**. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher**. São Paulo: Paulus, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- _____. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JUNG, Emma. **Animus e anima**. São Paulo: Cultrix, 2011.
- KOLTUV, Bárbara Black. **A tecelã**: ensaios sobre a psicologia feminina extraídos dos diários de uma analista Junguiana. São Paulo: Cultrix, 1992.
- NEUMANN, Erich. **A grande mãe**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- PROBST, Elisa Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. <http://www.icpg.com.br>. Acesso em: 12 de outubro de 2011.
- FRANZ, Marie-Louise Von. O processo de individuação. In: JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 158-230.